

# EU SOU A PODEROSA ARTILHARIA

General de Exército Paulo Cesar de Castro

O General de Exército Castro é graduado pela Academia Militar das Agulhas Negras, na arma de Artilharia. É pós-graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), pela Escola de Guerra Naval (EGN) e pela Escola Superior de Guerra do Exército Argentino. Comandou, como coronel, o 21º Grupo de Artilharia de Campanha; como Gen Bda, a ECEME; como Gen Div, a 4ª Região Militar e a 4ª Divisão de Exército. Como Gen Ex foi Chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército até 11 de maio de 2009, quando foi transferido para a reserva. Atuou nas operações Rio-92, Rio, Minas Gerais e Ouro Preto. É doutor em Ciências Militares pela ECEME e em Ciências Navais pela EGN (paulocesarcastro@terra.com.br).



Sim, "Eu sou a Poderosa Artilharia!" Lembrem-se todos que, "quer de Costa, Antiaérea ou de Campanha, eu domino no mar, no ar, na terra". Não ousem duvidar que sou a *ultima ratio regis* e que é com fogo que se ganham as batalhas. Atentai, soldados da farda onde rebrilha a glória, para este resumo da história recente da

Arma que consagrou Mallet, comandante da artilharia-revólver, narrada por quem, em março de 1964 e como cadete, perfilou-se junto aos "que o tiro comandam com justeza, inteligência e máxima presteza".

## A ARTILHARIA DIVISIONÁRIA (AD)

O General Cordeiro de Farias comandou, na Campanha da Itália, minha primeira, única e última AD completa. Integravam-na uma bateria de comando, quatro grupos – três 105, um 155 mm – e uma esquadrilha de ligação e observação. Esse paradigma de Artilharia, até então, desconhecido no Brasil tornou-me capaz de centralizar o tiro de meus grupos e de comprovar que "vibra mais no canhão a voz da guerra".

A doutrina americana, inovadora e vitoriosa em combate, trouxe-me forte alento. Surgira a AD, um escalão de artilharia. Entendei bem minha mensagem, por favor: a AD não é um simples comando enquadrante de grupos, a AD atira por si só. É possível comandar: "AD, fogo!" No pós-guerra, a fim de que eu pudesse apoiar as



Culto às Tradições: Homenagem ao Marechal Mallet

divisões de infantaria criaram-se as AD 1 (RJ), 2 (SP), 3 (RS), 4 (MG), 5 (PR) e 6 (RS). Minha alma guerreira exultou, ainda que consciente de que nenhuma delas havia nascido completa como fora a pioneira.

Passei, desde então, a ser tratada como Sistema de Artilharia de Campanha (Sist Art Cmp), tratamento ainda preconizado na versão mais atualizada de minha "bíblia", o C 6-1 [1]. O sistema contemplou didática, doutrinária e integralmente: a linha de fogo, a observação, a busca de alvos, a topografia, a meteorologia, as comunicações, a logística e a direção e coordenação.

A sobrevivência de minhas AD foi ameaçada e todas sangraram abundantemente quando meu querido Exército decidiu criar as brigadas, no início dos anos setenta. Meus grupos 105 mm foram sequestrados e, sem brindar-me meios adequados, incumbiram-me de apoiar pelo fogo as então criadas divisões de exército. Às AD restaram tão somente os grupos 155. Profetizava-se que, algum dia, elas seriam completadas. Já lá se vão, seguramente, mais de trinta e cinco anos e, até a

segunda década deste terceiro milênio, a profecia não se realizou. E, dentre as AD que meu cadete conheceu em 1964, duas já passaram à vida eterna. Gerações de artilheiros, na reserva e no serviço ativo, oraram pelo descanso em paz das AD/2 e 4.

Mantendo a fé em Santa Bárbara e espero pelo Sist Art Cmp que permita às AD alongar meus fogos, dar profundidade ao combate e proporcionar o apoio de fogo do qual as divisões de exército (DE) tanto se ressentem. Todos estão cientes de que manobra é fogo e movimento. Poderão as DE – ou escalão similar – prescindir do fogo para manobrar? E a Força Terrestre Componente (FTC)?

Recentemente, para fazer face aos desafios da Era do Conhecimento, meu Exército desencadeou necessário e corajoso processo de transformação. Em seu contexto, o Sist Art Cmp haverá de receber tratamento profissional e recursos condizentes com o Brasil que sonha conquistar assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Afinal, esse é o discurso oficial.



Peça de artilharia em ambiente de selva

## OS GRUPOS DE ARTILHARIA DE CAMPANHA (GAC)

Na mesma reorganização que criou as DE e as brigadas, no início dos anos setenta, os grupos de obuses e os de canhões [2] que o cadete estudara, foram levados à pia batismal, nela foram rebatizados e transformados em GAC, todos renumerados. A essa época aquele cadete já era capitão não aperfeiçoado. Dentre os grupos, destaco o emblemático e, outrora, tão poderoso e saudoso Grupo Escola de Artilharia, o GEsA.

Em 1952, o governo assinara o Acordo Militar Brasil – Estados Unidos, em decorrência do qual meu Exército passou a contar com um Grupamento de Unidades Escola (GUEs), do qual fazia parte o GEsA. Pasmem, leitores, aquelas unidades eram mantidas no estado da arte. Sabiam?

O GEsA foi meu único grupo que contemplou todos os subsistemas que me caracterizam. Por exemplo, na Bateria de Comando, havia a Seção de Radar Contramorteiros [3]. Seu corpo de oficiais incluía um oficial de ligação, os observadores avançados [4], os auxiliares do Comandante de Linha de Fogo (CLF), o oficial de munições e todos os demais necessários à plena operacionalidade do Grupo. Nas linhas de fogo havia a seção de remuniciamento, conhecida como

sétima peça, expressão que, talvez, meus jovens oficiais do terceiro milênio desconheçam. Remuniciamento na Art Cmp é coisa séria, não olvideis.

Ao GEsA atribuiu-se o nome de 31º GAC (Es) [5], unidade que perdeu definitivamente contacto com o estado da arte em 1977, quando o Brasil denunciou o Acordo Militar com os Estados Unidos. E dos outros GAC nem falar, posto que nenhum deles conheceu seus subsistemas completos. A busca de alvos no escalaão GAC beirava as raias da ficção, limitada ao alcance dos instrumentos óticos.

## A EVOLUÇÃO DOS GAC

Meus GAC evoluíram parcialmente desde aquele longínquo 1964 até 2009 [6]. Algumas novidades foram testemunhadas pelo artilheiro que redige este breve resumo de meu histórico.

O subsistema Linha de Fogo foi beneficiado pela incorporação de meios de lançamento mais modernos: os obuseiros Light Gun e Oto Melara, ambos 105 mm; os obuseiros AP M108 (105 mm) e M109 (155 mm); os obuseiros 105 mm monoflecha; e, mais recentemente, os morteiros 120 mm, de fabricação brasileira.

Quanto às armas – granadas, foguetes e mísseis – presentearam-me com baterias do Sistema Astros,



consagrado na guerra pela artilharia de outros países.

A reunião das baterias Astros deu origem ao 6º Grupo de Lançadores Múltiplos de Foguetes [7]. Vibrei intensamente e cheguei até a imaginá-lo o embrião da Art Cmp de outro escalão, a Artilharia de Exército (AEx), até hoje previsto no C 6-1. Contudo, a experiência ensinou-me que sonhar não é ação tática, posto que “a disciplina militar prestante não se aprende, Senhor, na fantasia”. De concreto, permito-me afirmar que minha “bíblia” carece de redação condizente com o Século XXI.

O subsistema Topografia também foi beneficiado. As calculadoras chegaram para ficar, após árduas batalhas para aposentar as tabelas de logaritmos [8]. Telêmetros laser e equipamentos GPS foram adquiridos e distribuídos aos GAC. Entretanto, constato que, em 2013, ainda são ouvidos os velhos comandos de “Alto! Esticar! Ficha!”. Que fenômeno estranho!

A modernidade chegou ao subsistema Meteorologia por intermédio de postos montados em viaturas nacionais, distribuídas às baterias de comando de minhas AD sobreviventes.

A par do exposto, testemunhei o lançamento de obuseiros do 8º GAC Pqdt, o helitransporte de peças e o tiro real na Amazônia, a partir de posição embarcada. Orgulho-me de meus recursos humanos.

### OS SUBSISTEMAS QUE MARCARAM PASSO

A busca de alvos como subsistema escafedeuse e nunca mais o vi. As comunicações, mesmo transformadas em sistema operacional comando e controle, não receberam o tratamento adequado à Arma do Comando e exercícios chegaram a ser realizados com o apoio explícito de telefones celulares particulares. A missão foi cumprida, ainda que com os meios pessoais existentes.

O subsistema direção e coordenação ensaiou alguns passos avante com o advento do Sistema Gênesis, graças à perseverança de seu criador e dos que nele acreditaram e apoiaram-no. Paralelamente, os bravos transferidores de derivas e alcances (TDA) e transferidores de locação (T Loc) têm resistido ao tempo, como se estivessem conduzindo uma defesa em



Carro de combate de defesa antiaérea Gepard 1A2

posição até o último homem. Saibam que, no período 1970-1973, no Curso de Artilharia da AMAN, alguns poucos ousaram falar no *Field Artillery Data Computer* (FADAC) e quase foram excomungados. A Informática estava presente na Art Cmp dos exércitos mais evoluídos há, no mínimo, quatro décadas.

O subsistema Logístico foi ferido gravemente quando luminares decidiram pela extinção da Bateria de Serviços e das Seções de Remuniciamento de meus grupos. As bases administrativas fracassaram e a eficácia logística dos GAC ficou comprometida em nome da racionalização. Some-se a crônica falta de recursos financeiros de meu Exército e compreende-se, facilmente, porque quase sumiram as granadas iluminativas e fumígenas, além das espoletas de tempo e de aproximação, as famosas VT [9]. Isso tudo sem abordar as munições inteligentes e de alcance estendido que não frequentaram as minhas casernas, tão plenas de entusiasmo ao canto de "com poeira, chuva ou lama, cumpriremos a nossa missão".

#### MEU FUTURO

Medito sobre o futuro do Sist Art Cmp confiante em que não será relegado às operações de garantia da lei e da ordem, nem tampouco limitar-se-á às ações subsidiárias, às operações humanitárias ou às de manutenção da paz. Meu sistema não se conformará apenas às atividades de mão amiga e às de defesa civil. Meus escalões de Art Cmp não se contentarão em ser distribuidores de água às populações de regiões carentes ou em ser fiscais de produtos controlados.

Meus artilheiros, "deuses dos raios e trovões", auxiliarão o Exército quando convocados às ações e operações que acima listei, sem por elas se apaixonarem. Saibam todos, contudo, que minha tropa orgulhar-se-á de ser, sobretudo, parte de uma eficaz Força Armada, destinada de corpo e alma à defesa da Pátria, sua razão de ser. Meus quadros serão discípulos e continuadores da obra de Mallet e Mascarenhas de Moraes, de Salomão da Rocha e Cordeiro de Farias. O desafio de transformar a Artilharia de Campanha para o Exército Brasileiro do futuro será vencido graças ao valor profissional de meus artilheiros, conhecedores dos mistérios de

conduzir fogos poderosos, largos, densos, profundos e que "ao inimigo as carnes estraçalham". "Lembrai-vos da guerra", dizem os sábios seguidores de Marte.

Antevejo algumas medidas que poderão auxiliá-los a entrar na eficácia:

- adotar plenamente sistemas de Artilharia de Campanha em todos os escalões da Arma "que na luta se impõe pela metralha". Com audácia e coragem moral, meus guerreiros não aceitarão apenas partes do sistema, mas convencerão os decisores que Artilharia implica todos os subsistemas. Não mais remendos ou meia-sola;

- atualizar o C 6-1, a fim de adequá-lo ao Exército Brasileiro do porte que o Brasil exige, uma Força mais guerreira e braço forte, menos mão amiga e que não se contenta com êxitos secundários e subsidiários;

- adquirir subsistemas de linha de fogo com meios de lançamento e armas – granadas, foguetes e mísseis
- em países desenvolvidos reconhecidamente capazes de oferecer manutenção e assistência técnica permanente e, quem sabe, até a proclamada transferência de tecnologia;

- contemplar o subsistema de busca de alvos com veículos aéreos não tripulados e outros itens, em todos os escalões de Art Cmp;

- fazer ingressar na Era do Conhecimento os subsistemas de topografia, comunicações, controle e direção, por meio de equipamentos informatizados;

- revitalizar o subsistema logístico, notadamente para que não faltem aos meus artilheiros as armas de que necessitam;

- dotar meus escalões de simuladores e adestrar todos sem exceção, do general ao soldado, no emprego do Sist Art Cmp considerado;

- descartar simples mudanças de denominação e localização territorial de AD e/ou grupos, que nada acrescentarão à minha capacidade operacional;

- aplicar raciocínio similar às propostas de adoção de estruturas de comando enquadrante, sem que correspondam a mudanças na Força Terrestre que se deseja apoiar pelo fogo; e

- desconsiderar e afugentar os que se apegam a

## O desafio de transformar a Artilharia de Campanha para o Exército Brasileiro do futuro será vencido graças ao valor profissional de meus artilheiros, conhecedores dos mistérios de conduzir fogos.

argumentos do Século XX, como: falta de recursos; tudo pelo social; e “somos um Exército de paz [10]”.

Eis aí, soldados em cuja farda fulge a vitória, breve resumo da minha história – de março de 1964 a maio de 2009 – acompanhado por modestas propostas para deixar-me ECD, no século XXI, “levar a morte e a

confusão às fileiras inimigas, em defesa da Pátria e da Bandeira.”

Confiante na sensatez dos meus artilheiros e irmãos de armas, continuarei a bradar em alto e bom tom: “Eu sou a Poderosa Artilharia!”



Obuseiros AP-M108

#### NOTAS/REFERÊNCIAS

- [1] BRASIL, Estado-Maior do Exército. Manual de Campanha C 6-1, EMPREGO DA ARTILHARIA DE CAMPANHA, 3<sup>a</sup> edição, 1997. BRASÍLIA: Portaria nº 138-EME, de 18 de dezembro de 1997.
- [2] Na mesma reorganização que criou as divisões de exército e as brigadas, no início dos anos setenta.
- [3] Definitivamente desativado e recolhido indisponível quando este autor comandava a Bateria de Comando do 31º GAC (Es), em 1977.
- [4] Para cada observador avançado (OA) havia a respectiva Turma do OA, assim como para o oficial de ligação (OLig) havia a Turma do OLig.
- [5] Idem, nota nº 2. A numeração, dizia-se à época, era para iludir o inimigo. O mesmo ocorreu, por exemplo, com o REsI, disfarçado como 57º BIMtz.
- [6] Em maio de 2009, este autor foi transferido para a reserva.
- [7] Ouvi menção a um futuro Grupo de Mísseis e Foguetes (GMF).
- [8] O autor era aluno da EsAO.
- [9] *Variable Time*.
- [10] Exército de paz é sinônimo de guarda nacional, de gendarmeria e de polícia militar nacional.